

# Estado e questão agrária: o processo de modernização da agricultura no oeste do Paraná (1960-1990)

Simone Cristina dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende analisar as relações entre os aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais do processo de mecanização da agricultura no Oeste do estado do Paraná durante os anos de 1960 a 1990. Desta forma, analisaremos os conflitos correlacionados a esse processo, o qual esteve diretamente vinculado ao ciclo de desenvolvimento capitalista característico do período. Ao longo do artigo serão abordados assuntos como o *desmatamento sem controle*, a implantação e implementação de novas técnicas e tecnologias de produção, a aplicação exagerada e sem métodos seguros de agrotóxicos nas lavouras e os conflitos fundiários.

**Palavra-chave:** Modernização; Agricultura; Agrotóxicos

**Abstract:** This article analyzes the relationship between the historical, economic, political and social aspects of the process of mechanization of agriculture in western Parana State during the years 1960 to 1990. This way, we will analyze the conflicts related to this process, the which was directly linked to the characteristic of capitalist development the period cycle. Thus, throughout the article issues like deforestation without control, deployment and implementation of new production techniques and technologies, over-treatment and no safe methods of pesticides in crops land conflicts are addressed.

**Keyword:** Modernization; Agriculture; pesticides

---

<sup>1</sup>Aluna do curso de História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Bolsista de Iniciação Científica Fundação Araucária.

## **Introdução**

Este artigo tem como proposta analisar o projeto de modernização da agricultura implantado no Oeste do Paraná entre as décadas de 1960 e 1990. Buscaremos analisar o processo de recepção e implantação das propostas de modernização, assim como as pesquisas e atuações de agências difusoras como mídia, institutos de pesquisa, cooperativas, agências de Estado, institutos agrícolas e outros mais. Para dar conta do objetivo apontado, o artigo será dividido em três partes. Na primeira delas será abordado o contexto histórico e social da região oeste do Paraná no período em análise. Assim, serão abordados assuntos como as disputas entre diversas concepções sobre o trabalho e a produção, os conflitos relacionados ao processo de implantação de novas tecnologias no campo, suas consequências políticas, econômicas e sociais. Além disso, também procuramos compreender o modo como os camponeses da região lidaram com a modernização, a forma como receberam as propostas modernizadoras, como as assimilaram e as suas ações de resistência ao processo.

Em um segundo momento do texto o objetivo é analisar a modernização da agricultura a partir das propagandas produzidas e de sua divulgação em jornais de circulação local, tais como: *Jornal O Alento*, *Informativo Copagril*, *Jornal O Presente* e *Jornal Rondon Comunicação*. Uma análise inicial realizada nestas fontes indica que

grande parte das notícias veiculadas por estes jornais buscavam tornar a incorporação das novas técnicas mais atraentes para os agricultores. Desta forma percebemos que as matérias jornalísticas e de propaganda buscavam questões referentes a modernização da agricultura e incentivavam os agricultores a acompanhar as novas exigências, incorporar novos métodos de trabalho, abandonando antigos saberes para, assim, se adequarem as exigências do mercado.

A análise das fontes indica que um dos objetivos do projeto de modernização da agricultura era a constituição de novos padrões de comportamento e trabalho aos trabalhadores rurais, ou seja, uma busca por “modelos” de perfis dos novos trabalhadores rurais indicando a adoção de novas práticas e hábitos cotidianos e a negação dos saberes históricos comuns ao campesinato. Estes novos hábitos e práticas eram apresentados como sinônimos de civilidade e desenvolvimento. Neste sentido se nota os esforços feitos em perspectiva da educação rural por meio de construção de escolas técnicas voltadas a preparar os filhos dos agricultores no uso das novas técnicas. Igualmente é possível perceber que o projeto de modernização estava vinculado aos interesses de grupos sociais que organizavam-se em diferentes instituições como cooperativas, sindicatos, associações de produtores, empresas privadas, entre outras organizações governamentais e não governamentais.

Cabe destacar ainda que a implantação do projeto de modernização da agricultura no Oeste do Paraná produziu transformações políticas, econômicas e sociais, as quais não foram tão

favoráveis à região e sua população como às agências de difusão fazem crer, pois, entre outras coisas, foi responsável por aprofundar ainda mais as desigualdades sociais e os conflitos no campo.

Na terceira parte do texto serão discutidos assuntos relativos ao emprego de agrotóxicos, suas condições de uso, as consequências ambientais e sanitárias da utilização indiscriminada de pesticidas, inseticidas e herbicidas. Neste sentido a análise das fontes mostra que a introdução de agrotóxicos foi realizada de forma extensiva, tendo como grande objetivo aumentar os índices de produção, mas atenção nenhuma foi dada aos problemas decorrentes do uso descontrolado, situação que está muito presente nos jornais, uma vez que a presença de notícias relatando problemas de saúde, poluição de rios e outros mais são constantes. Assim, umas das características da modernização da agricultura foi o uso extensivo e indiscriminado de agrotóxicos com a finalidade de controlar pragas da lavoura e aumentar a produtividade. Situação que não só foi responsável por prejudicar a saúde dos agricultores, mas também impactou profundamente o meio ambiente local.

Nestes termos, se por um lado, o processo de modernização aumentou a produtividade das lavouras, por outro, levou a impactos indesejáveis tais como: a contaminação dos recursos naturais e de alimentos, doenças provocadas pelo uso de venenos, mortes resultantes dos conflitos fundiários, desemprego rural, êxodo rural e inchaço das periferias das cidades, entre outros mais.

## A colonização no Paraná e os novos hábitos de vida

Nas décadas finais do século XIX o estado do Paraná foi alvo de uma série de políticas governamentais voltadas a ocupação de seu território. Segundo Valdir Gregory:

A migração em escala mais significativa só se processou já em fins do século XIX e durante o século XX [...]. O grupo alemão teria atingido 1500 pessoas dirigindo-se às margens dos rios Negros e Mafra nas proximidades de Curitiba e no planalto dos campos gerais. O grupo polonês 28000 imigrantes [...]. O grupo italiano, em torno de 15000 imigrantes [...]. O grupo ucraniano, uns 35000 imigrantes, se localizou na região de Rio Claro, Senador Correia, Cruz Machado, Prudentópolis. De modo diferente do período do Império, no início da República, o Paraná contou com mais imigrantes estrangeiros e imigrantes descendentes de europeus, para seus programas de colonização, que os outros dois estados sulinos<sup>2</sup>.

Logo, um contingente variado de etnias, tanto de estrangeiros como de migrantes de outros estados do Brasil (São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, entre outros), atuaram na colonização do território do estado do Paraná. Segundo Gregory:

---

<sup>2</sup> GREGORY. Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Edunioeste: Cascavel, 2002, p. 34.

Os colonos de origem interna, provenientes de antigas regiões coloniais do Sul, praticamente só começaram a participação no processo de colonização do Paraná a partir da década de 1920, dirigindo-se principalmente para o Sudoeste e Oeste do Estado”<sup>3</sup>

O Paraná neste período também contava com muitos imigrantes estrangeiros e descendentes de europeus para seu programa de colonização. Assim formou-se uma “frente pioneira” de colonização no Sudoeste e Oeste do Paraná. Segundo Cecília Westphalen:

[...] uma vez que, com a proclamação da República e pela Constituição 1891 as terras devolutas passaram para o domínio dos estados, grandes áreas das terras da Região de Itaipu começaram a ser concedidas em troca da efetivação de obras públicas de acordo com a Lei de terras nº 98/ 1892. Depois as leis estaduais nº s. 1147/12 e 1642/16, possibilitando a concessão de áreas de 50 mil hectares para projetos de colonização, motivaram diversas transações fundiárias [...] Foram efetivadas grandes concessões de terras nessa área despovoada para que ocorresse a ocupação. Contudo, devido a favorecimentos a grandes empresas a colonização não foi desenvolvida como previsto [...] Não resultaram na ocupação de terra, nem na sua distribuição por colonos, pequenos proprietários. Exploraram de modo depredatório as matas e os ervais [...]”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Edunioeste: Cascavel, 2002 P.34-35

<sup>4</sup>WESTHALEN, Cecília Maria. *História documental do Paraná: primórdios da colonização moderna na região de Itaipu*. Curitiba: UFPR, 1987, 1987. P:5-6

Esses seriam, segundo Westphalen, os primórdios da colonização moderna. A colonização das terras do Oeste do Paraná, realizada principalmente por migrantes vindos de outros estados do Brasil, do Sul especialmente, tem a década de 1930 como seu principal marco, sendo que o processo ficou a cargo de empresas colonizadoras. Segundo Gregory:

O Estado do Paraná, tendo intensificado sua colonização mais tarde, detém um significativo espaço colonial do Brasil Meridional. É preciso salientar. Também que o Paraná, diferentemente dos outros dois estados sulinos apresentou um importante espaço de colonização a partir da frente de ocupação de paulistas e de mineiros. [...] a constituição deste espaço, no Brasil Meridional, foi resultado da interação das necessidades decorrentes da crise do latifúndio a partir das quais se projetaram as colônias e da ação dos colonos que desejaram migrar e povoar.<sup>5</sup>

O trabalho e a produção dos colonos, baseava-se fundamentalmente na suinocultura e nas colheitas de milho, mandioca e soja. Para Gregory:

A produção agrícola colonial exigia diversificação de atividades produtivas, principalmente no setor urbano[...]. A distância e a precariedade das vias de transporte baixavam os preços dos produtos

---

<sup>5</sup>GREGORY. Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Edunioeste: Cascavel, 2002 P.37-38

agrícolas produzidos na região e encarecia os preços dos produtos que vinham de fora. [...] Isso motivou os, já referidos, investimentos iniciais na agroindustrialização.<sup>6</sup>

No entanto, o desenvolvimento do setor rural como o setor urbano apontavam para o processo de modernização do espaço colonial. Com o intuito de expansão e modernização, as ferramentas essenciais usadas nas colônias como arados, enxada, semeadeiras manuais começam a perder espaço. A partir da década de 1960 o espaço agrário começa a se estruturar e articular, adotando novos meios de cultivos e, exigindo um novo homem do campo para desempenhar novas funções. Segundo Gregory:

A região colonizada pela MARIPÁ e o Oeste do Paraná, como um todo, passaram, a partir do final dos anos 60, por profundas mudanças decorrentes de um processo mais amplo da realidade mundial e brasileira. Nesta época os reflexos da dinâmica do capital provocaram ações e reações nos diferentes espaços. Os colonos que vieram à região eram portadores de práticas econômicas, sociais e culturais específicas e sofreram fortes impactos do novo da fronteira agrícola e das inovações “antepostas” pela modernização do campo, que se foi intensificando e aprofundando nas décadas posteriores. Tratar do homem rural, do homem colonial, nesta região e nesta época, implica em completar, além da colonização, do cotidiano da fronteira agrícola, também a questão da

---

<sup>6</sup>GREGORY. Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Edunioeste: Cascavel, 2002 P. 197

modernização do campo enquanto concepção e enquanto acontecimento”.<sup>7</sup>

No Brasil os aspectos econômicos sempre impulsionaram as migrações, a partir da década de 1970 a ocupação do Paraná foi marcada por transformações profundas na base produtiva da agricultura e no movimento migratório da população. A tabela abaixo demonstra a origem populacional dos municípios do Oeste do paranaense.

**ORIGEM DA POPULAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE ENTRE RIOS DO OESTE, MARECHAL CÂNDIDO RONDON, MERCEDES, PATO BRAGADO E QUATRO PONTES-1970**

ESTADOS	POPULAÇÃO	PORCENTAGEM
Minas Gerais	53	0,12
São Paulo	281	0,65
Paraná	12.796	29,60
Santa Catarina	9.216	21,32
Mato Grosso	36	0,08
Rio Grande do Sul	20.102	46,51
Outros	53	0,12

**Fonte:** Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1970

No Oeste do Paraná durante as décadas de 1960 a 1990, ocorreram diversas mudanças no espaço local agrícola, segundo Miriam Zaar: “[...] o homem e o meio são subjugados pelo sistema econômico de reprodução em que vivem. Sistema este, que de certa forma

<sup>7</sup> GREGORY. Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Edunioeste: Cascavel, 2002 P.205

contraditória trouxe ao mesmo tempo benefícios para alguns e prejuízos para outros”.<sup>8</sup> Neste período, segundo Miriam Zaar:

[...] o Estado Brasileiro, obviamente articulado à economia mundial, desenvolveu políticas que promoveram a expansão dos cultivos do trigo e da soja em meados dos anos de 60 e mais expressivamente durante décadas de 1970. O trigo com objetivo de diminuir as importações, e a soja objetivando as exportações. Com os novos produtos agrícolas, criaram-se formas de produzir o espaço agrário nos atuais Municípios de Mercedes, Pato Bragado, Entre rios do Oeste, Quatro Pontes e Marechal Cândido Rondon<sup>9</sup>.

Nestes termos, a modernização da agricultura na região Oeste do Paraná também foi acompanhada pela implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura. Diante a todo este processo, um dos objetivos da pesquisa que ainda está em andamento é compreender como os camponeses/colonos da região lidaram com a modernização. A forma como receberam as propostas e assimilaram todo este novo modo de vida. A análise inicial das fontes tem indicado que os camponeses inicialmente demonstraram certa desconfiança em relação ao projeto modernizador. Isto é, adotaram posições particulares sobre o processo,

---

<sup>8</sup>ZAAR, M. H. *A produção do espaço agrícola: da colonização à modernização agrícola e formação do Lago de Itaipu*. Cascavel-PR, Ed. Edunioeste.1999. P.15

<sup>9</sup>ZAAR, M. H. *A produção do espaço agrícola: da colonização à modernização agrícola e formação do Lago de Itaipu*. Cascavel-PR, Ed. Edunioeste.1999. P.29-30

as quais tinham por base sua visão de mundo, a qual é resultado de sua história de vida e posições sociais que ocupam. Em termos gerais, uma visão que contrariava a racionalidade do Estado e dos agentes modernizadores, circunstância que redundou em conflitos.

## **O papel da mídia e de fontes jornalísticas**

Em um contexto geral e ideal *o papel da mídia* na sociedade é informar, é definir os temas a serem discutidos, é expor ideias e formar opiniões. Porém nem sempre as reportagens buscam destacar a real situação dos acontecimentos. A partir de pesquisas feitas em jornais da região Oeste do Paraná sobre o processo de modernização da agricultura nas décadas de 60 a 90, um dado que tem chamado atenção é o de que parte considerável dessas reportagens buscam destacar a positividade da modernização, sendo que as consequências negativas do processo não são associadas a ela. As notícias que tratam de assuntos relativos ao êxodo rural, aos conflitos no campo e aos problemas de saúde causados pelo uso de agrotóxicos buscam não associar essas situações com o processo de modernização. Nestas fontes pesquisadas, por exemplo, no jornal “Rondon Comunicação”, observa-se informações relacionadas ao êxodo rural no Paraná, o uso de herbicidas como algo necessário, porém pouco ou quase nada é apresentado sobre os malefícios do uso indiscriminado e, além disso, é visível certa tendência em definir a modernização e o pacote de insumos e

implementos que a acompanhava como algo altamente positivo e necessário à agricultura. Um exemplo disso é a notícia abaixo publicada no Jornal Rondon Comunicação no ano de 1974:

[...]prezados senhores, está na hora de nos conscientizarmos do problema e aplicar as práticas de conservação de solo, se quisermos garantir as próximas gerações, os nossos filhos, o direito de terem um solo como possuímos nós agora, em condições de fornecer colheitas fartas e abundantes proporcionando sua alimentação necessária.

Portanto é importante que as práticas de conservação de solo sejam amplamente empregadas pelos nossos agricultores.

A conservação de nossos solos interessa a todos os paranaenses. Os agricultores e suas famílias, pela necessidade de sobrevivência e progresso individual. As comunidades, porque existe uma agricultura permanente, estável e próspera. Não existe o êxodo, (a fuga), e sim mais variadas atividades com mais empregos, maior quantidade e melhor distribuição de riquezas, quando se observam práticas de conservação do solo.

Em extensas regiões de nosso país, e especialmente em nosso estado, a agricultura é quase que única atividade e criar riquezas em cada safra. E quando a agricultura vai bem, vão bem o banqueiro, o industrial, o comerciante etc. Para que a agricultura vá bem tecnicamente, é necessário corrigir rapidamente os erros de utilização e manejo de nossos solos.

Concluindo: sem o combate a erosão perde-se a semente, o adubo e a própria terra.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>JORNAL RONDON COMUNICAÇÃO. *A importância do solo*. Marechal Cândido Rondon, Ano 1, número 11, 08/06/1974, P. 07. Jornal disponível para consulta no

Além de dar a entender que o êxodo rural era resultado do não uso ou do mau uso das técnicas modernas, neste caso em específico daquelas voltadas a conservação do solo, a notícia também trata a forma tradicional como a agricultura era exercida como um erro que deveria ser corrigido. As reportagens veiculadas pelos jornais tinham igualmente um caráter educativo e buscavam “ensinar” os agricultores a lidar com determinadas situações. A reportagem abaixo, publicada no *Jornal Rondon Comunicação*, exemplifica isso

Duas espécies de plantas se destacam como invasoras da cultura do trigo: a nabiça *Raphanus raphanistrum* L. e a mostarda *Brassica* sp. As duas espécies são da família das críferas e podem ocasionar sérios prejuízos pois, disseminadas pelo vento, tornam-se difíceis de serem erradicadas. Considerando-se esse fato, torna-se necessário a utilização de sementes provenientes de locais não infestados e cujo processamento seja idôneo bastante para garantir a isenção das sementes dessa praga. Se o agricultor deixar essas ervas se instalarem nas lavouras, ficará num dilema, uma vez que, através das arações, estará contribuindo para sua disseminação.

Cuidado no arranhamento. Quando se arranca, tanto a mostarda como a nabiça, é importante lembrar que elas não devem ser atiradas e valetas ou carregadores

---

Centro de Documentação do Oeste do Paraná – CEPEDAL, localizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, no campus de Marechal Cândido Rondon.

pois por mais fundos que sejam estes locais ainda voltarão a infestar o terreno.

Nesses casos recomenda-se que as plantas sejam arrancadas e removidas a um depósito onde possam ser queimadas. No início da infestação, as invasoras podem ser erradicadas pelo arranchamento; - quando a infestação é maior, entretanto, faz-se necessário o emprego de herbicidas. Entre os diversos herbicidas recomendamos, há um destaque especial para os produtos Hedonal (com 720g de ácido livre de 2,4 D por litro) e Bi-Hedonal (2,4D+MCPA), não somente pela eficiência que apresentam como também pelo seu baixo custo.<sup>11</sup>

Como é possível verificar na reportagem, além de ensinar o método mais indicado para lidar com as pragas da lavoura, ao final da notícia, está presente a indicação do herbicida que deveria ser utilizado no combate a essas pragas. Entretanto, não há palavra alguma indicando métodos seguros de utilização do veneno, descarte das embalagens, limpeza do maquinário. Da mesma forma, devemos levar em conta que o produto indicado é produzido pela empresa Bayer<sup>12</sup>, uma das multinacionais que muito lucro obteve com os processos vinculados a modernização da agricultura. Em sentido não muito diverso temos a reportagem abaixo, publicada no jornal Rondon Comunicação em 1975:

---

<sup>11</sup> JORNAL RONDON COMUNICAÇÃO. *Fácil controle de ervas daninhas no trigo*. Marechal Cândido Rondon, Ano 1, número 16, 13/07/1974, P. 03.

<sup>12</sup> “Fundado em 1863 na Alemanha, o Grupo Bayer consolidou-se como uma das mais importantes e respeitadas indústrias internacionais, oferecendo ao mercado uma ampla gama de produtos e serviços, que abrange os campos da saúde, agricultura e materiais inovadores”. Cf:

[http://www.bayer.com.br/scripts/pages/pt/grupo\\_bayer/histria/index.php](http://www.bayer.com.br/scripts/pages/pt/grupo_bayer/histria/index.php)

Foi então que surgiu o cultivo da soja e, decorridos alguns anos, tivemos uma modificação violenta nas condições de vida do meio rural, como reflexo em todos setores de atividade, quer comércio, indústria ou atividades privadas. Hoje, a mecanização da lavoura tornou a agricultura num rendoso negócio, atraindo a atenção de todos que tenham conhecimento do que se faz em nosso município, bem como em toda a região do oeste do Paraná. Tudo isso se deve a versatilidade de nossos agricultores, ou seja, a tendência que possuem de adotar a técnica que lhes proporcione melhores resultados. O meio rural de nosso município se caracteriza pela agricultura em franco desenvolvimento, modernas técnicas, manejos adequados e agricultores que procuram saber e aplicar as renovações agrícolas e vão mais além, com um bom esclarecimento sobre mercado interno, e até externo, dos principais produtos agrícolas, regionais. Estas são as características que os diferencia das demais regiões brasileiras que, e geral mal informados persistem em não aceitar as palavras dos Engenheiros Agrônomos e continuam numa agricultura rudimentar, em conseqüências paralisam no tempo, constituindo o principal entrave ao desenvolvimento agropecuário brasileiro.<sup>13</sup>

A reportagem, como é possível verificar, associa diretamente o sucesso da agricultura à adoção de novas tecnologias, além disso traça os parâmetros que deveriam identificar os tais “agricultores versáteis”, não “rudimentares”, que não entendem apenas de plantar e colher, mas

---

<sup>13</sup> JORNAL RONDON COMUNICAÇÃO, *O Progresso que vem da Terra*, Marechal Cândido Rondon, Ano 2, número 52, 22/03/1975, P. 09.

que são profundos conhecedores das oscilações do mercado interno e externo, dos produtos e técnicas mais rentáveis. Além disso, esta reportagem permite verificar a presença na década de 1970 na região oeste do Paraná do discurso característico e que hoje dá fundamenta o Agronegócio no Brasil. Não somente, mas também é verificável que esta visão é altamente pejorativa em relação aqueles que não se enquadraram no processo e, faz isso, sem levar em conta os motivos que levaram muitos camponeses a não adotar as novas práticas. Todo este processo buscava convencer os agricultores do Paraná de que a melhor saída, e talvez a única, era adotar tais práticas modernas, do contrário seriam rudimentares, atrasados e responsáveis por sua pobreza.

Na atualidade esses jornais locais, principal fonte histórica para esta pesquisa, se localizam no Centro de Documentação do Oeste do Paraná (CEPEDAL), localizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon. Pode-se dizer que, os meios de informação da época, principalmente o rádio e os jornais diários locais, foram importantes veículos de difusão das novas estratégias produtivas destinadas aos agricultores. De fontes de informações, hoje este material constitui possibilidade de fonte histórica.

## A modernização e o uso de agrotóxicos

A utilização de agrotóxicos fez com que a produtividade e consequentemente os lucros aumentassem de forma significativa, segundo alguns jornais da região e a mídia em geral registraram.

Com o objetivo de combater pragas que comprometiam a produção e muito devido à falta de informações os agricultores acabavam relevando os fatores de riscos a saúde. No entanto, a utilização destes agrotóxicos não só era responsável apenas pela contaminação ambiental, mas também era causa de muitos problemas de saúde dos trabalhadores rurais.

No período de agosto/82 a junho/83, 11 meses, foram catalogados 136 casos de intoxicação por agrotóxicos nos 17 municípios da região oeste que estão sob a jurisdição do núcleo de Cascavel da secretaria de Estado e Agricultura. Este trabalho foi desenvolvido com a colaboração da classe médica dos 52 hospitais cadastrados na região, mais especificamente nos municípios de Foz do Iguaçu, Santa Helena, Santa Terezinha, São Miguel do Iguaçu, Matelândia, Missal, Céu Azul [...] que de maneira prestativa forneceram informações precisas sobre os casos de pessoas intoxicadas com estes produtos.

Acredita o chefe interino do Núcleo Regional, engenheiro agrônomo Osvaldo de oliveira Coelho, que o número de intoxicados neste período seja superior ao catalogado, pois muitos casos acontecem em que o intoxicado não tem possibilidade de ser

medicado ou por imprudência a vítima se automedica.

Salienta ainda, que não obstante (sic) as campanhas educativas e a atuação da tensão (sic) rural não existe, Contudo, uma legislação específica obrigando o proprietário rural a fornecer a seus empregados roupas e material adequados para a aplicação destes agrotóxicos.<sup>14</sup>

Nesta notícia fica nítido o impacto causado pela introdução de agrotóxicos na região. Também é visível que o grande responsável pelos problemas, segundo a matéria, é o próprio agricultor que não dá atenção as tais “campanhas educativas”. A culpa também é do Estado que não obriga “o proprietário rural a fornecer aos seus empregados roupas e material adequado”. Isto é, o proprietário rural, geralmente grande fazendeiro, assim como as empresas (a antes citada Bayer, por exemplo) que produzem e vendem o agrotóxico não têm responsabilidade nenhuma. Da mesma forma, ao analisarmos os jornais em sua totalidade também é possível verificar que as “campanhas educativas” não ocupavam tanto espaço de difusão como a reportagem dá a entender. Isso é evidente, por exemplo, quando comparamos o espaço dos jornais que é dedicado à propaganda de insumos e maquinários agrícolas com o espaço que é dedicado a difusão das

---

<sup>14</sup> JORNAL O PARANÁ. *Oeste teve 136 casos de intoxicação em 11 meses*. Cascavel, Ano VIII, número 2138, 23/07/1983. P 05. Jornal disponível para consulta no Centro de Documentação do Oeste do Paraná – CEPEDAL, localizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, no campus de Marechal Cândido Rondon.

mencionadas “ações educativas”, as quais invariavelmente são citadas de maneira rápida em algum texto como o da citação. Ainda sobre o impacto do uso de agrotóxicos, o Jornal O Paraná de 1983, traz as seguintes informações.

Em ordem decrescente, os Estados que mais consomem pesticidas são: São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro nos cinco primeiros lugares, e todos sem exceção, registram elevados números de casos de intoxicação por ingestão de venenos agrícolas, com grande incidência de óbitos. Somente no Paraná e Santa Catarina, nos últimos doze meses, foram registrados cerca de três mil casos de intoxicação como venenos agrícolas. As pesquisas acusam também, que centenas de abortos foram causados por terem as gestantes, aspirados pesticidas que foram pulverizados por uma avaliação agrícola *que não* respeitava os limites determinados pelo Ministério da Agricultura.<sup>15</sup>

Por fim, podemos perceber que diante da implementação do projeto de modernização da agricultura foi responsável pelo aumento nos índices de produtividade como a mídia destacava. Contudo, também causou resultados indesejáveis, aos quais as reportagens se reportam de forma indireta buscando isentar tais fatores do próprio processo de modernização, ao qual estavam diretamente vinculados.

---

<sup>15</sup> JORNAL O PARANÁ. Cascavel, Ano VII, número 237,05/06/1983. P. 06.

## Considerações Finais

A partir de pesquisas em fontes jornalísticas (Jornais: O Alento, Informativo Copagrill, Jornal O Presente e Jornal Rondon Comunicação) percebe-se a importância de se estudar a temática da modernização da agricultura. Em termos gerais, pode-se considerar que a região Oeste do Paraná foi uma espécie de laboratório onde diversas técnicas e tecnologias agrárias foram inicialmente testadas para depois serem implementadas em outros territórios do Paraná e do Brasil como um todo.

Cabe destacar ainda que a modernização da agricultura impactou e modificou as relações sociais e de produção. A utilização de métodos mais modernos, equipamentos, insumos e técnicas era um objetivo a ser alcançado. Toda essa transformação ocorria por meio de estratégias executadas de diferentes modos e por diferentes instituições. Neste sentido, a mídia teve um papel destacado, pois ocupou papel importante no sentido de convencer os agricultores a seguir novos “moldes” na perspectiva de que melhorariam suas condições de vida e níveis de produtividade. Contudo, pouco espaço reservou para tratar dos problemas decorrentes da modernização ou, quando isso fez, tratou de responsabilizar os próprios agricultores pelos problemas, tratando-os como rudimentares.

## Referências

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel -PR, Edunioeste, 2002.

LINHARES, M.Y.L. *Terra Prometida. Uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ Ed. Campus, 1999.

MARTINS, J.S. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis. Ed.:Vozes, 1986.

NARDELLI, A. *Terra Nostra Prometida-os 125 anos de caminhada de um imigrante (sigsmodo A. Nardelli) 1875-2000*. Rio do Sul-SC, 2000, Ed: Nova Era, 2000.

PAIVA, R.M.; SCHATTAN, S.; FREITAS, C. F. T: *Setor Agrícola do Brasil: Comportamento econômico, problemas e possibilidades*. Secretaria da Agricultura. São Paulo-SP,1973.

VANDERLINDE, T.; GREGORY, V.; DEITOS, N.J. (org). *Migrações e a construção do Paraná: século XXI em perspectiva*. Casvavel-PR, Ed, Coluna do Saber, 2007.

ZAAR, M. H. *A produção do espaço agrícola: da colonização á modernização agrícola e formação do Lago de Itaipu*. Cascavel-PR, Ed. Edunioeste.1999.

WESTHALEN, Cecília Maria. *História documental do Paraná: primórdios da colonização moderna na região de Itaipu*. Curitiba: UFPR,1987

**Revistas:**

MULLER, Keith Derald. Colonização pioneira no Sul do Brasil: o caso de Toledo, Paraná. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43,n.1,p.83-139, jan./mar.1986.